

Comerciantes, trabalhadores(as) e nacionalidades na fronteira entre Salto del Guairá-Canindeyú/PY, Guaíra-Pr/BR e Mundo Novo-MS/BR entre 1960 e 2018.¹

Cíntia Fiorotti²

Resumo: O objetivo deste texto é discutir, a partir das próprias experiências e interpretações dos(as) trabalhadores(as) envolvidos(as) na venda de importados na fronteira Paraguai-Brasil, como eles(as) lidam com os conflitos e se relacionam com os sujeitos e os lugares onde vivem e trabalham. A pesquisa foi realizada na fronteira entre Guaíra-PR/BR, Mundo Novo-MS/BR e Salto del Guairá-Canindeyú/PY, dando ênfase a esta última cidade. Por meio da análise de entrevistas e matérias de jornais, buscamos discutir a forma como os(as) proprietários(as) de lojas e os(as) trabalhadores(as) de diferentes nacionalidades lidam com as disputas em torno do mercado de trabalho e com as diferenças culturais ao buscarem melhores condições de vida em um dos dois países.

Palavras-chave: Comércio; vendedores; fronteira; nacionalidade.

Traders, workers and nationalities on the border between Salto del Guairá-Canindeyú/PY, Guaíra-Pr/BR and Mundo Novo-MS/BR between 1960 and 2018.

Abstract: The purpose of this text is to discuss the experiences and interpretations of the workers on the Paraguay-Brazil border as they deal with conflicts and relate to the subjects and places where they live and work. The research was carried out in the border between Guaíra-PR/BR, Mundo Novo-MS/BR and Salto del Guairá-Canindeyú/PY, emphasizing this last city. Through the analysis of interviews and newspaper articles, we sought to discuss how store owners and workers of different nationalities deal with disputes around the labor market and with cultural differences in their search for better living conditions in one of the two countries.

Keywords: Commerce, city; sellers; border; nationality.

¹ Este texto é resultado de uma parte da pesquisa de doutorado pela linha de pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Todos os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos.

² Professora de História na educação básica pública (SEED-PR). Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG). Graduada e Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE-PR). E-mail: cintiafiorotti@hotmail.com.

Mercado de trabalho, comerciantes e trabalhadores (as)

Nos conflitos em torno das relações sociais vividas cotidianamente pelos trabalhadores, recuperamos um pouco o desenho de como parte deste mercado se configura nesta cidade fronteiriça. Trata-se de compreender as diferenças entre a fronteira almejada por parte do empresariado local e do poder público municipal de Salto del Guairá e as relações sociais vividas pelos trabalhadores neste lugar. Uma das fontes utilizadas para estudar isto são algumas matérias veiculadas pela imprensa no final da década de 1990 a 2010, além de entrevistas com proprietários de lojas e com trabalhadores envolvidos, como vendedores ou ambulantes em Salto del Guairá.³

Em 2 de maio de 1997, o jornal O Paranazão, com circulação nas três cidades fronteiriças, trazia, na página destinada às notícias de Salto del Guairá, a seguinte matéria:

Salto del Guairá a melhor opção de compras. O progresso ao olho nu.

Salto del Guairá, transformado num grande atrativo para investidores, não só do Brasil mas também dos cinco continentes. [...] Salto del Guairá-PY, Guairá-Pr e Mundo Novo-Ms, fazem uma trilogia com miras no futuro, nesta paragem de compras e ecologia, elas, fazem florescer uma mistura sem precedentes de fascínio para os turistas. A união espiritual destas três cidades ligadas pela solidariedade farão desta, um povo só que luta por ser reconhecido pelo que vale. A coragem de sobreviver fez que Salto del Guairá seja o destino de comprar mais procurado pelos amantes do melhor. Por isso, novos prédios *están-se* construindo espalhados pela pequena cidade, mas não são só as compras que fazem de Salto del Guairá uma promessa de boas compras. É o calor humano que impregna cada negociação, a segurança, a hospitalidade do povo paraguaio que está atento em agradecer o visitante.⁴

A tentativa de construção de uma vocação turística para o comércio de mercadorias importadas é redesenhada para Salto del Guairá, principalmente, na década de 1990, período posterior à formação do Lago de Itaipu. Entre os anos de 1970 e 1980, a vocação turística atribuída à cidade voltava-se para o turismo de contemplação a *Salto Siete Quedas*. Consequentemente,

³ Em 1997, Salto del Guairá, sua população era de 12.000 habitantes. A região à qual pertence Salto del Guairá, é conhecida por departamento de Canindeyú e conta com aproximadamente 145.841 habitantes, estando 83% destes, também localizados nas áreas rurais. Na década de 2000, a prática crescente de atividades comerciais em Salto del Guairá relacionadas à venda de produtos importados pelo Paraguai de países como China, Coreia e Indonésia aumentou significativamente o número de lojas (no ano de 2006 havia 200 lojas, passando em 2010 a 1.300 lojas) e, trabalhadores em Salto del Guairá e o fluxo comercial com as cidades brasileiras Guairá e Mundo Novo. O número de habitantes em Salto del Guairá chegou a triplicar nesta década. Em 2010, Guairá contava com 30.669 habitantes. Localiza-se à margem esquerda do Rio Paraná no extremo oeste do Estado. Foi declarada como município em 1952, em alguma medida, resultando dos interesses do governo federal em aumentar o controle da divisa com Salto del Guairá/Paraguai e com Mundo Novo, estado do Mato Grosso do Sul/BR. Já Mundo Novo, localizado ao Sudoeste do Mato Grosso do Sul/BR, contava com 17.043 habitantes em 2010. Teve sua emancipação como município em 1977.

⁴ Diretor responsável: Ademir Brito dos Santos. Jornal O Paranazão, 2 de maio de 1997. A produção da matéria está em português, mas apresenta alguns termos em espanhol. Existe a possibilidade de ela ter sido escrita em espanhol e traduzida para o português. A pesquisa com os jornais locais O Paranazão/ Rio Paranazão, entre 1996 e 2015, ocorreu devido à circulação que possui nas três cidades fronteiriças e por seus editores e correspondentes serem moradores de uma dessas cidades. Além disso, foi escolhido por possuir a característica do olhar de pessoas que moram e trabalham como jornalistas na região e, também, por expressar muito dos anseios das classes dominantes locais. Por isso, o jornal foi percebido como mais significativo para os interesses da pesquisa quando comparado a outro jornal local ou a jornais de circulação regional e nacional.

associava-se a este trânsito de visitantes oriundos tanto do Paraguai quanto do Brasil, as compras ao comércio de mercadorias nacionais e importadas.⁵

Embora, nas décadas de 1970 e 1980 a cidade apresentasse a mobilização deste turismo de contemplação e de comércio de mercadorias importadas, sua economia concentrava-se na presença de serrarias, extração de madeiras, palmito e na monocultura da soja, principalmente por brasileiros. Desta forma, “coragem de sobreviver” e “solidariedade” são recursos usados na tentativa de manutenção do comércio nos anos seguintes, ao final da década de 1980, quando há redução do fluxo de consumidores nas lojas de importados da cidade. Já “segurança” e “hospitalidade” significaram, desde 1990, as tentativas de elaboração de um suposto diferencial à cidade, quando o país já tem como referência de centro de compras de produtos importados *Ciudad del Este*.⁶

O planejamento para Salto del Guairá, voltado para o turismo comercial, ganhou diferentes sentidos quando, junto a este projeto, também entrou em disputa o mercado em torno da venda de produtos importados. Nas décadas de 1970 e 1980, ainda havia poucas lojas nessa cidade. Os comerciantes organizavam-se com o abastecimento de mercadorias vindas de importadoras que já dominavam o mercado em *Ciudad del Este*. Como já mencionado, muitos destes comerciantes abasteciam-se, também, com a compra de mercadorias de lojas em *Ciudad del Este* e em *Asunción*.⁷

No caso de Salto del Guairá, as décadas de 1990 a 2000, ainda eram marcadas por um mercado em que poucas importadoras controlavam a entrada e os valores dos produtos a serem comercializados. Estas, localizadas em *Ciudad del Este*, estavam muitas vezes, vinculadas às associações de empresários com vínculos relacionados ao tipo de mercadoria vendida e à nacionalidade. Neste último caso, ocorria a exclusividade do acesso de alguns benefícios apenas aos que estavam vinculados a estas associações. Na última década, este controle ainda continua presente para a maioria das mercadorias que chegam às lojas em Salto del Guairá. São poucas as empresas que conseguem adentrar este meio, conseguindo comprar direto de importadoras, ou mesmo realizar acordos com importadoras ou com associações para terem melhores margens de lucros na compra e venda de produtos importados.

⁵ O processo de construção da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional nas décadas de 1970 e 1980, contou com a formação do Lago de Itaipu em 1982, inundando uma extensa área de terras e, entre outras consequências, alterando a paisagem natural onde localizava-se a chamada “Sete Quedas”. São referências as entrevistas com proprietários de lojas em Salto del Guairá, como a entrevista com Rosa, 70 anos, nacionalidade paraguaia, e as obras de memorialistas, tais como da professora Fernanda Feilú Soto (2004).

⁶ As propagandas são voltadas para o público consumidor oriundo do Paraná, são trazidas às localizações da avenida principal de Salto del Guairá, das lojas patrocinadoras e de alguns pontos de referência de órgão públicos e privados desta cidade e de Guairá. Em 1997, ano da inauguração de um dos primeiros shoppings em Salto del Guairá, os comerciantes e o mercado imobiliário local previam o crescimento urbano e comercial da cidade no sentido da fronteira com Mundo Novo-Ms. Isto devido à construção da ponte Ayrton Senna que liga os dois estados brasileiros Paraná e Mato Grosso do Sul.

⁷ Isto é expresso nas entrevistas com os proprietários de lojas, Edu, 50 anos e Rosa, 70 anos, ambos de nacionalidade paraguaia, residentes em Salto del Guairá. Entrevistas gravadas em outubro de 2013, em Salto del Guairá. Falas traduzidas durante a transcrição da gravação.

Com a expansão comercial da cidade, houve uma parcela do empresariado local que conseguiu se reorganizar economicamente para concorrer com os investidores de maior potencial econômico. Por exemplo, as empresas que conseguiram abrir seu capital.⁸ Também ainda há pequenos comerciantes em Salto del Guairá que não conseguem comprar de importadoras as mercadorias ofertadas por eles em suas lojas, buscando as mesmas, por exemplo, em distribuidoras intermediárias, comprando de lojas em *Ciudad del Este* ou em outras cidades de ambos os países. Parte da parcela do empresariado local de Salto del Guairá não conseguiu manter as margens de lucros tidas anteriormente à década de 2000. Sem estrutura econômica para concorrer neste mercado, recorreram à mudança do tipo de mercadoria ofertada em suas lojas.⁹

Ainda no final da década de 1990, o poder público municipal de Salto del Guairá recuperava as perspectivas atribuídas ao projeto de crescimento econômico para a cidade, quando denunciava a presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados:

Ilegales costará caro a los comerciantes. Comuna exigirá legalización de empleados brasileños.

La municipalidad de esta capital departamental clausurará los comercios que no cumplan con el código laboral vigente en nuestro país, principalmente, en lo relativo a contratación de extranjeros. Tampoco serán habilitados negocios cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio. El objetivo es frenar la invasión de mano de obra extranjera. (DUARTE, 1997).

Quando o poder público municipal recorreu à ameaça de que “[...] *tampoco serán habilitados negocios cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio. [...]*”, ele indicou a necessidade de tomar medidas punitivas para tentar manter suas perspectivas sobre a cidade pretendida por eles. Apenas uma parcela do empresariado parece concordar com esta expectativa, já que o anúncio de punição é dirigido a todos os empresários da cidade. Para além disso, cabe enfatizar que a ação do poder público também foi pressionada por trabalhadores nacionais que não conseguiram vagas neste mercado de trabalho. Assim, em conjunto a esta disputa, acentuaram-se as referências à nacionalidade para distinguir as pessoas com direito ou não de desfrutar deste projeto.

O projeto pretendido pela cidade não foi e nem é homogêneo entre a classe dominante local. Entre os empresários locais de Salto del Guairá que se consolidaram entre 1970 e 1990, muitos deles apresentaram, nas entrevistas, interesses divergentes desta perspectiva defendida pelo poder público municipal. Entre eles, a discordância sobre o perfil de força de trabalho a ser contratada.

A contratação de estrangeiros nessa cidade, no final da década de 1990, articulou-se à necessidade do perfil de uma força de trabalho que condissesse com a expectativa de vendas ao público consumidor pretendido. Entre outros motivos, tornava-se mais atrativa economicamente a contratação destes trabalhadores a investimentos para qualificação da força de trabalho local e nacional. Assim, alguns empresários argumentaram que recorreram aos “*empleados brasileños*”:

⁸ Uma destas lojas é Queen Anne, iniciada em 1970, como Comercial Salto del Guairá, continuou com os filhos dos primeiros proprietários em 1978, chamando-se Casa Queen Anne, passando à sociedade anônima, em 2000, como Queen Anne S.A.

⁹ Por exemplo, a loja Infotec iniciada na década de 1970, reformulou o tipo de mercadorias comercializadas, passando de uma loja que ofertava produtos artesanais nacionais e eletrodomésticos para ofertar informática e outros eletrônicos, visando oferecer mercadorias que iam ao encontro da procura por parte dos consumidores.

Aqui na loja mesmo é mais paraguaio que brasileiro, já teve mais brasileiros. É que agora, tem mais opção de dentro, dos jovens que vem pra, aqui na cidade já tem umas três universidades, e pra estudar, sustentam o estudo com o trabalho, mas até pouco tempo atrás a oferta de mão de obra era mais de gente do Brasil. Era visível funcionários pegavam carona de Guairá e de Mundo Novo. Para mim era indiferente, de onde vinha. A minha mulher é brasileira e os meus filhos são meio a meio, estudam no Brasil. Mas em geral aqui, num há, principalmente com Guairá os laços assim, tem bastante com gente de Guairá e Mundo Novo. Num se percebe assim uma discriminação. Tanto porque aqui quase todos os colonos da soja, são brasileiros. Só que aqui dentro é normal.¹⁰

Ao dizer “era indiferente, de onde vinha”, o interesse era ter uma força de trabalho de baixo custo e sem necessidade de maiores investimentos em qualificá-la. Não se trata de dizer que não havia trabalhadores procurando envolver-se neste mercado de trabalho, mas de terem, no outro lado da fronteira, uma oferta abundante de força de trabalho dentro do perfil pretendido.

Na entrevista com o empresário, a vinda das universidades à cidade é colocada como marco para presença de trabalhadores com um perfil diferenciado daqueles da década de 1990. Estes últimos, em alguns casos, eram oriundos de ocupações no campo ou com outros tipos de trajetórias ocupacionais na cidade, por exemplo, mulheres envolvidas no trabalho doméstico, com baixa escolaridade e com dificuldades no idioma português. Esta parcela possuía um tipo de qualificação e perfil diferente do pretendido para o trabalho nas vendas em lojas de importados.

Contudo, cabe ressaltar como a experiência de vida deste entrevistado também influencia na forma como ele interpreta esta diferença de nacionalidade. Edu, além de ser casado com uma brasileira, também teve parte de sua trajetória de vida no Brasil. Filho de uma família abastada, teve uma formação e um círculo de relacionamentos diferentes da maioria da população de Salto del Guairá. Parte de sua escolarização no Brasil foi cursando ensino superior na USP, na década de 1980.

¹⁰ Edu, 50 anos, nacionalidade paraguaia, residente em Salto del Guairá e proprietário de loja. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto a Eric G. Cardin. Fala do entrevistado traduzida durante a transcrição da gravação.

Para esta pesquisa tornou-se fundamental o uso das fontes orais. As entrevistas visaram valorizar a subjetividade trazida pelos sujeitos pesquisados a respeito de suas trajetórias de vida e trabalho e das relações culturais e sociais com a fronteira. Ao longo da pesquisa foram realizadas entrevistas com trabalhadores de nacionalidades brasileira, paraguaia e argentina, moradores de Guairá, Mundo Novo e Salto del Guairá. Entre os 31 entrevistados estão: 13 vendedores formais e/ou informais em lojas de importados em Salto del Guairá, sendo a maioria deles atravessadores de mercadorias na fronteira; 01 vendedor ambulante em Salto del Guairá; 01 ex-atravesador de cigarros; 01 policial federal aposentado; 02 militares reformados do Exército; 01 ex-funcionário da Receita Federal; 01 funcionário da Receita Estadual; 01 jornalista; 05 proprietários de lojas de importados em Salto del Guairá; e 05 moradores que viveram ou vivem entre essas cidades nas proximidades dos portos de travessia por onde são passadas mercadorias. Como pseudônimos aos nomes dos entrevistados, utilizamos nomes de cantoras, jogadores e técnicos da seleção brasileira de futebol que atuaram a partir da década de 1960. Os entrevistados foram selecionados seguindo-se alguns critérios, tais como ocupação relacionada ao comércio na fronteira e o tempo de residência em alguma das cidades. Contudo, cabe ressaltar que tais critérios dependeram, em alguma medida, de minhas relações sociais de amizade e das relações entre os próprios entrevistados, que indicavam outras pessoas. Houve elaboração prévia de roteiros de acordo com o perfil profissional de cada entrevistado. Porém, os roteiros não foram seguidos exatamente conforme o planejamento inicial. Novas questões foram levantadas conforme o andamento das entrevistas.

Diferente da perspectiva desse empresário, outra parcela do empresariado local de Salto del Guairá buscou enfatizar a relevância da nacionalidade do trabalhador na hora da contratação. Dalva falou sobre isso:

Eu comecei a trabalhar com 19 anos, já com meu negócio. Por isso que está há 32 anos, era pequeno, como todo mundo começa pequeno. Já tinha funcionários paraguaios, sempre trabalhei com paraguaios. Nunca brasileiros [...] porque eles querem fazer normas no trabalho, e você não pode viver no país de outro e dizer que não vão fazer isto, que não sabem isto. O brasileiro se querem achar. São deseducados, eles não se colocam no lugar. [...] Quando comecei era eu, dois funcionários e marido [...] Hoje já tenho sete funcionários, já chegou a ter 20, quando o real tava bem, em 2008.¹¹

Quando a entrevistada destaca a diferença de perfil entre os trabalhadores mobilizados em Salto del Guairá, não se ampara somente na nacionalidade e nem fala sobre a qualificação dos mesmos. Ela recorre ao comportamento deles em meio à relação de exploração da força de trabalho. Sua fala evidencia o estranhamento do trabalhador estrangeiro às leis e acordos trabalhistas formais e informais estabelecidos neste mercado de trabalho em Salto del Guairá. Esses brasileiros já trazem consigo uma trajetória ocupacional e/ou de vida com relações de trabalho diferentes das vividas neste lugar. O termo “não colocarem-se no lugar”, para referir-se ao perfil do trabalhador brasileiro, expressa a não aceitação deste vendedor a muitos acordos informais de trabalho, nos quais são estabelecidas condições que extrapolam até mesmo a própria legislação paraguaia.

Em meio a esta diferenciação entre a força de trabalho nacional e estrangeira, a prioridade na contratação da força de trabalho nacional por parte de Dalva acaba indo ao encontro da perspectiva de desenvolvimento econômico pensado para a cidade por parte do poder público municipal e afirmado nos meios de comunicação locais. Entretanto, a relação estabelecida entre estes moradores e empresários de Salto del Guairá com a identidade nacional também é recuperada para expressarem como eles se percebem nas relações cotidianas com o outro.

A vendedora Morena enfatizou as dificuldades percebidas ao diferenciar a relação com os vizinhos de lojas de acordo com a nacionalidade deles. Sua descrição é expressiva para entender parte dessas relações:

[...] Porque eles não ajudam, não ajudam mesmo. Um dia me roubaram lá, aí quando eu percebi, que eu me dei conta, eu sai pra fora pra falar com o meu vizinho, que aquele pessoal que tinha ido lá, que eles tinham me roubado que e eu estava sozinha. Eu falei com ele, e ele fingiu que nem era com ele. E lá no Shopping América quando aconteceu isso, que a moça roubou uma bolsa, e eu sai pra fora falando que a moça tinha roubado, os brasileiros, todo mundo correu atrás da moça pra pegar a bolsa de volta. E ali não, eles agiram assim. Se fosse na loja deles ou de algum deles, eles corriam atrás, já vi isso, agora como era na minha loja que era brasileiro, então eles não precisavam ir atrás [...]¹²

¹¹ Dalva, 56 anos, nacionalidade paraguaia, residente em Salto del Guairá e proprietária de loja. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá. A transcrição foi feita em português devido à dificuldade da pesquisadora no domínio da língua.

¹² Morena, 22 anos, nacionalidade brasileira e residente em Guairá. Entrevista gravada em maio de 2012. No período da entrevista, a trabalhadora havia parado de trabalhar no Paraguai por volta de 4 meses. Já estava trabalhando em um Pet Shop em Guairá e pôde me receber em sua casa, em um feriado.

A entrevistada trabalhou em lugares com um perfil de proprietários de lojas e consumidores distintos. As inúmeras pequenas lojas na Avenida Paraguay e suas ruas próximas possuem proprietários de diferentes nacionalidades como brasileiros, paraguaios, libaneses e chineses. Entretanto, são os lugares onde há maior concentração de proprietários e trabalhadores de nacionalidade paraguaia. Já os shoppings citados na entrevista são dos chamados “investidores estrangeiros”, sendo ocupados a maioria por proprietários de lojas brasileiros e libaneses. A concorrência entre proprietários de lojas de nacionalidade paraguaia e empresários imigrantes, que se ocupam destas brechas do capitalismo na fronteira, abrindo comércio onde há possibilidade de lucros, tem impacto direto sobre os vendedores.

Quando Morena recorre ao termo “traíçoeiros”, ela não nega que há amizade entre os vendedores brasileiros e os de nacionalidade paraguaia. Mas que, dependendo do que se compartilha, esta relação de amizade, pode ser distanciada. A descrição de Morena recupera situações em que o bom convívio entre paraguaios e brasileiros não é negado. Porém este convívio possui limites. A solidariedade não é necessariamente algo a ser constantemente compartilhado com estrangeiros que disputam sua sobrevivência no mercado de importados na fronteira. Há códigos de conduta e comportamentos entre estes trabalhadores que não são estendidos a outros trabalhadores de nacionalidade diferente da sua. A troca cultural e o convívio entre estes vendedores possuem especificidades e limitações que servem para amparar o reconhecimento entre os seus pares nacionais e de mesma ocupação. Estes limites são recorridos para a própria afirmação da identidade destes trabalhadores, tanto paraguaios, quanto brasileiros.

Ademais, o ressentimento vivido pela população trabalhadora local de nacionalidade paraguaia, que lida com a concorrência de imigrantes trabalhadores, muitas vezes é expresso na diferenciação e distanciamento com o outro quando se percebem em desigual relação. Os vendedores de lojas estão na ponta deste processo de acumulação capitalista, lidando com conflitos e pressões geradas por esse processo na fronteira.

Em 29 de maio de 1998, o jornal O Paranazão trouxe uma matéria afirmando:

Rapai que quiere trabajar aquí, tiene que vivir aquí. Ley contra empleados brasileños ya está vigente.

La municipalidad empezó a implementar la Ordenanza 082/97 que prohíbe la contratación de brasileños ilegales como empleados en el comercio. La ley que busca proteger la mano de obra local establece fuerte multas a los propietarios de negocios que infrinjan dicha disposición comunal [...] Sin embargo, fueran detectado casos en que el Juez ha firmado certificados de residencia a brasileños que no residen aquí. [...]13

A lei municipal criada para fiscalização de brasileiros envolvidos no comércio trouxe a iniciativa do poder público municipal em tentar defender parte dos interesses de desenvolvimento econômico com o projeto de turismo comercial pensado para Salto del Guairá. O autor da matéria, quando se posicionou com relação ao trabalhador não regulamentado, não recorreu

¹³ Com a pesquisa ao jornal Rio Paranazão, observamos que a imprensa de Salto del Guairá vem veiculando denúncias sobre a presença de trabalhadores estrangeiros não regulamentados em Salto del Guairá, tanto nos períodos marcados pela redução de empregos no comércio, quanto em momentos em que há aumento da contratação de vendedores. No jornal O Paranazão, em 16 de outubro de 1998, temos as manchetes “*Brasiguayos fueran desalojados por orden judicial en Grasoby*” (DUARTE, 1998). Também no dia 30 de outubro de 1998, “*Brasiguayos desalojados no Paraguai*” e “*Famílias temem novas agressões*”.

apenas à nacionalidade, mas também estabeleceu um limite de pertencimento à comunidade para diferenciar o sujeito com direito de ocupar vagas no mercado de trabalho local. Já as denúncias de irregularidade no processo de regulamentação dos vendedores indicaram o interesse dos trabalhadores locais de Salto del Guairá em exigir do poder público maior controle sobre isso.

A presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados em Salto del Guairá e a existência de paraguaios nas mesmas condições nas cidades de Guairá ou Mundo Novo não são um aspecto novo nesta fronteira. A circulação destes trabalhadores entre os países não tem se fixado nas demarcações legais de fronteira, mas, entre outros, na busca por sobrevivência e/ou na tentativa de melhores condições de vida que as diferenças econômicas e políticas entre estes países podem oferecer. Está atrelada a esta busca os vínculos estabelecidos com outros sujeitos. O apoio de familiares e amigos para ingressar no mercado de trabalho ou mesmo para manter-se no lugar até alcançar alguma confiança, também são elementos importantes para este deslocamento.

Não é uma prática comum dos vendedores brasileiros de lojas ou ambulantes mudarem-se para Salto del Guairá. Muitos destes já possuem seus círculos de relacionamento, família e moradia em uma destas duas cidades brasileiras fronteiriças. A não imigração permanente por parte dos vendedores brasileiros igualmente ocorre pela comparação entre as estruturas na saúde, educação e no custo de vida entre as cidades. Como já mencionado, o rápido crescimento comercial da cidade implicou o encarecimento do custo de vida para a população trabalhadora e a piora dos serviços públicos como luz e água. Como Perla, moradora de Salto del Guairá, elucidou: *“aqui em Salto o custo de vida é bem alto, em relação, por exemplo, por aqui tudo vem de fora, tudo é mais caro, aluguel, água, luz, comida, vestuário a cesta básica, é caro em comparação a outras cidades como Assunção, que é centro”*.¹⁴

Uma das entrevistadas comentou sobre a cidade ao ser questionada por que não residia em Salto del Guairá, tendo em vista a demora do deslocamento diário devido aos congestionamentos:

Ah, é muito difícil pra morar lá. Lá assim, tem a prefeitura ali, mas eles não cobram imposto e justificam que é por isso que a cidade não vai pra frente. Isso pode até ser verdade. Porque você vai pra dentro ali daquela cidade, é aquele poeirão, um deserto. Ali no centro ninguém vê estas coisas, mas ali no centro. Porque assim, é aquelas crianças tudo suja brincando na rua. A água mesmo assim, é uma água totalmente ruim, eu mesmo tinha pavor de tomar aquela água de lá [...]¹⁵

Quando Morena chama atenção para as condições urbanas da cidade fora da região central que os turistas frequentam, elucida os contrastes entre os lugares de moradia acessíveis à renda dos trabalhadores e os pontos comerciais destinados ao turismo. Ademais, as diferenças culturais e as segregações entre eles ressaltam-se nestas escolhas. Mesmo objetivando uma “migração pendular”, o uso da rede de relacionamentos também é importante para os vendedores brasileiros envolverem-se no mercado de trabalho em Salto del Guairá.

A procura por contratar trabalhadores brasileiros, sejam eles regularizados ou não e contratados formalmente ou informalmente, também se justifica pelo público consumidor ser majoritariamente da mesma nacionalidade destes vendedores. Nesta escolha pesam as diferenças do idioma e o comportamento cultural dos trabalhadores e consumidores dos dois países. Isto

¹⁴ Perla. Entrevista gravada em maio de 2012, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto de João Ricardo Mendes Gonçalves.

¹⁵ Morena, 22 anos. Entrevista gravada em maio de 2012, em Guairá.

influencia os vendedores brasileiros a conseguirem certa proximidade e credibilidade com os consumidores de mesma nacionalidade que estão comprando em outro país. Atualmente, há predominância de consumidores brasileiros nestas lojas.

Sobre a regularização dos trabalhadores, Roberto, que possui a mesma para trabalhar no Paraguai, retirou-a mediante exigência de uma das lojas em que trabalhou informalmente e, posteriormente, formalmente no Paraguai. Isto ocorreu devido à fiscalização acompanhada de multas a lojas que contratam informalmente trabalhadores brasileiros não regularizados. A fiscalização é realizada no comércio em Salto del Guairá por representantes do Ministério do Trabalho com sede em *Asunción*. O valor da multa varia conforme a reincidência do empresário¹⁶. Conforme as entrevistas com os vendedores brasileiros, essa fiscalização se restringe a controlar quem está regularizado ou não para trabalhar no país. Já o cumprimento das leis trabalhistas por parte dos empresários a estes trabalhadores não é fiscalizado.

Ao descrever como fez seu “*permiso*” e sua “*migración*”, Roberto expressou a desconfiança sobre os abusos nos valores descontados em seu salário para pagar os custos destas regularizações. Assim, descreve:

[...] Eu já estava meio esperto, meio desconfiado aí eu falei vou fazer por conta própria (o documento de *migración*), aí ela falou pra mim assim: “Por quê por conta própria?” a contadora né?! Ela queria ganhar o dela, aí chegou até conversar com o Ali falar que eu tava desconfiando dela e querer me demitir, entendeu? Falei assim “Então faz, pode fazer então” que naquele tempo não dava pra largar o serviço assim, Falei então você pode fazer então! Aí ela fez, aí depois de cinco meses chegou. Aí com o tempo eu peguei e saí daquela loja, entendeu? [...] Porque é absurdo! Eu faltei um dia porque eu tinha autoescola, aí me deram uma multa de 200 reais. Aí eu cheguei pra contadora e falei: “Eu não ganho 200 reais pra você me dar um desconto de 200 reais”. É por dia né?! “Não ganho 200 reais pra você me dar isso de desconto” aí ela falou assim: “Foi mando do patrão” aí eu falei: “Então tudo bem, mas você assina aqui esse papel que você tá me dando uma multa de 200 reais”. Aí ela falou: “Não eu não vou assinar”, por que ela

¹⁶ De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, em 2010, no Guia Dirigido dos Estados Partes (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, neste período ainda não estava inclusa a Venezuela) do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), qualquer pessoa com nacionalidade em um destes países, com residência legal em outro país deste bloco e com sua devida regularização, pode trabalhar e estudar neste último, tendo acesso às seguridades sociais deste lugar. Este acordo de residência começa a funcionar em 2009, com o Programa de Regularização Migratória Brasil - Paraguai. Ainda sobre a regularização de trabalhadores de Foz do Iguaçu/BR no comércio em *Ciudad del Este*/PY, a pesquisa de mestrado em Ciências Sociais de Oberty Coronel (2013, p. 97) analisa que: “[...] As categorias de admissão prevista na Lei de Migração n° 978/96 (Paraguay) compreendem estrangeiros ‘residentes’ e ‘não residentes’. É considerado ‘residente’ o estrangeiro que em razão da atividade que desenvolve fixe a sua residência no Paraguai e tem a vontade de permanecer de forma permanente ou temporária. Considera-se ‘não residente’ o estrangeiro que ingressa no Paraguai sem intenção de radicar-se naquele país. Categoria que, a princípio, seria a que compreenderia os brasileiros, especialmente pelo que está disposto no artigo 29, inciso 6, que admite a recepção de trabalhadores migrantes fronteiriços contratados de forma individual ou coletiva. Há ainda a possibilidade de utilizar-se de parentesco paraguaio [...] que está prevista na Constituição Paraguaia em seu artigo 146, onde filhos de paraguaios são admitidos como paraguaios natos (como se fossem nascidos no Paraguay – *jus sanguinis*) desde que radicados naquele país de maneira permanente [...]”. Em Salto del Guairá esta regularização é feita por meio da *Dirección General de Migraciones*, exigindo vários documentos do solicitante, tais como comprovante de residência no Paraguai, antecedentes criminais do país de origem e atestado médico. Após a regularização, o trabalhador imigrante recebe um dos dois documentos: o primeiro é chamado popularmente de “*permiso*”, (*radicación temporaria para ciudadanos del MERCOSUR*) e o segundo de “*migración*” (*radicación permanente para ciudadanos del MERCOSUR*). (PARAGUAY, 2015).

sabia que eu ia lá no consulado e eu ia pra cima deles. Aí nenhum deles assinaram. Aí eu peguei, recebi, desci e fui embora. Até hoje eu não voltei lá na loja pra dar satisfação, eles não me deram satisfação o dia que eles foram me dar multa também [...]¹⁷

Resistências às práticas de abuso moral e exploração do trabalho praticadas pelos empresários são expressas nas ameaças por parte dos vendedores de buscarem pelo cumprimento dos seus direitos trabalhistas ou no abandono do emprego. Tais ações dos vendedores são avaliadas dentro de um contexto econômico e cultural experimentado por muitos dos trabalhadores em Salto del Guairá. Como observado na entrevista com Roberto, ele vive, em seu atual acordo informal de trabalho, as mesmas cobranças de multas vividas em um de seus primeiros empregos formais em lojas de Salto del Guairá. A recusa à permanência no emprego, feita por ele no primeiro ano de trabalho neste comércio, não é a mesma vivida atualmente.

Relaciona-se a esse processo a ampliação do número de lojas em Salto del Guairá nos últimos anos, combinada à ampliação da concorrência entre os lojistas que oferecem praticamente as mesmas mercadorias, o que dificulta aos vendedores conseguirem postos de trabalhos com possibilidades de aumentar a renda com vendas em lojas maiores que possuem algum diferencial nos preços e qualidade dos produtos. Junto a estas mudanças, também houve a fixação de um padrão de comportamento por parte dos empresários na imposição de contratos ou acordos verbais informais com os trabalhadores contratados formalmente ou informalmente, extrapolando leis trabalhistas.

Ainda cabe enfatizar que muitos trabalhadores se recusam ou não desejam fazer a regularização de sua situação como trabalhador em outro país, não somente pelas expensas geradas por todo processo necessário, mas por não terem expectativas de permanecer nestas condições de trabalho. Além disso, há os casos de uma negativa subjetiva à identidade com a outra nação que poderia ser gerada em meio a este processo.

Considerações finais

De modo geral, observamos como não há uma hegemonia entre os interesses das classes dominantes de Salto del Guairá. Contudo, há pontos de interesses em comum relacionados a ações que possam promover a acumulação para estes empresários. Nota-se, igualmente, que os interesses são de classe. Além disso, esta coesão pode ser encontrada na padronização do comportamento destes empresários nos acordos fixados com os vendedores de lojas para exploração da força de trabalho. Os interesses do poder público municipal e de outros órgãos que atuam na fiscalização

¹⁷ Roberto, 20 anos. Entrevista gravada em maio de 2012, em Guairá. Algumas lojas costumam pagar pela regularização do trabalhador e emissão dos documentos “*permiso*”, que garantem a regularização temporária do trabalhador, podendo ser renovado por duas vezes e do documento “*migración*”, para a regularização permanente, e depois descontar de forma parcelada da remuneração dos trabalhadores. Nas entrevistas foram informados valores cobrados pelas empresas aos trabalhadores para a retirada deste primeiro documento, que variam de R\$ 60,00 a R\$ 450,00 e, para o segundo, de R\$ 600,00 a R\$ 2.000,00. Há, por parte dos entrevistados, a desconfiança de contadores e advogados cobrarem uma porcentagem em cima do valor para fazerem estes documentos. Além da referência ao pagamento de propina por parte destes intermediários para conseguir documentações falsas, tais como comprovantes de residência no Paraguai e atestado médico e, ainda, para o documento ser feito em um prazo menor do que de outras pessoas que aguardam pela emissão do mesmo. As entrevistas indicam que a retirada da “*migración*” por estes caminhos conta com trâmites legais, articulados a esquemas de corrupção e fraude de documentos. Por vezes, a recusa à regularização da cidadania por parte do vendedor brasileiro está relacionada às expensas com a mesma e à discordância quanto ao pagamento de propina para obtê-la burlando alguns dos requisitos exigidos.

das leis trabalhistas e da presença do trabalhador imigrante, são orientados, em sua maioria, em favor destes empresários. Tanto o trabalhador formalizado quanto o informal atuante em lojas de importados em Salto del Guairá, vivenciam, nesta realidade de trabalho, o não cumprimento das leis trabalhistas paraguaias e do estatuto de proteção ao trabalhador imigrante.

A diferenciação entre o perfil pretendido pelas empresas e a quantidade de mão de obra disponível atendendo a este perfil também definirá a diferenciação entre os postos de trabalho e salários. Por exemplo, entre vendedores de nacionalidades brasileira e paraguaia havia desigual salário. Essas relações tiveram impacto na forma como estes trabalhadores de nacionalidades diferentes construíram suas convivências.

No geral, entre os vendedores em lojas formais e informais, de nacionalidade brasileira e paraguaia, as condições de trabalho experimentadas por eles são comuns. Eles percebem que estão vivendo como trabalhadores numa mesma realidade específica de condições de trabalho presente neste comércio na fronteira. Contudo, nesse contexto, há uma interpretação por parte destes trabalhadores que os fazem se perceber como diferentes uns dos outros, principalmente quando comparam seus postos de trabalho, salário e sua nacionalidade. O vendedor brasileiro que migra diariamente para trabalhar em Salto del Guairá percebe-se em uma condição cultural e socioeconômica diferente do trabalhador paraguaio. Isto porque, para ele, muitas vezes, este trabalho é entendido como temporário. Da mesma forma, acredita ter maiores condições ou possibilidades de tentar mudar de condição de trabalho em seu país de origem, mesmo alguns relatando terem insucesso em suas tentativas.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 2005.
- CORONEL, O. **Práticas sociais e trajetórias dos trabalhadores brasileiros nas empresas de Ciudad del Este-Paraguai**. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Toledo, 2013.
- DUARTE, R. **O Paranazão**, 13 nov. 1997.
- DUARTE, R. **O Paranazão**, 29 maio 1998.
- FIOROTTI, Cíntia. **História de trabalhadores e do trabalho na fronteira Brasil-Paraguai (1960 - 2015)**. 2015. 287f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia. 2015.
- MASUZAKI, Teresa Itsumi. **Mobilidade territorial do trabalho dos brasileiros no comércio em Salto del Guairá – Paraguai**. 2013. 164f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Programa de Pós-Graduação mestrado em Geografia. Centro de Ciências Humanas Educação e Letras. Marechal Cândido Rondon, 2013.
- PARAGUAY, República del. **Dirección General de Migraciones**. Disponível em: <www.migraciones.gov.py>. Acesso em: 05 fev. 2015.
- SOTO, F. F. Canindeyu-Zona Alta. **Los Brasiguayos**. Asunción: Imprenta LEO S. R. L., 2004.